



RESPEITANDO AS DIFERENÇAS: ATUAÇÃO PREVENTIVA EM PSICOLOGIA ESCOLAR

Anne Caroline Torres Ribeiro¹, Mariany Bezerra Neves², Elianne Madza de Almeida Cunha-Prado³ (orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba, Carol_ribeiro@live.com¹ Universidade Estadual da Paraíba, marianyneves18@gmail.com² Docente do curso de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau – FMN-CG, aliannemadza@yahoo.com.br³

RESUMO:

Este artigo apresenta um relato de experiência em psicologia escolar realizada em uma turma do segundo ano do ensino fundamental, em uma escola pública da cidade de Campina Grande - PB. A escola enquanto instituição promotora do desenvolvimento integral das crianças é um espaço de aprendizagens diversas, dentre elas, a convivência com as diferenças; o psicólogo escolar se insere nesse contexto como um educador, construindo ações de desenvolvimento de habilidades sociais de aceitação e compreensão do outro. Nesse sentido, as intervenções realizadas estiveram situadas em um enfoque institucional e preventivo, sob forma de projeto educativo, com objetivo de dialogar com as crianças sobre diversidade e despertar nelas o respeito às diferenças (físicas, étnicas, culturais, identitárias). Para tanto, foram vivenciados cinco encontros com duração média de uma hora, cada qual com um tema gerador que se referia ao objetivo central da intervenção e a partir do qual foram elaboradas atividades que proporcionassem reflexão e espaço dialógico de problematização, por meio de contação de histórias, músicas, jogos, leitura de textos e expressão gráfica (desenhos). Houve engajamento das crianças nas atividades propostas, assim como boa interação e colaboração entre elas, o que leva à conclusão de que é urgente a inserção do psicólogo nas escolas, pois ações educativas preventivas, com vistas à ressignificação de problemáticas cotidianas podem levar à minimização dos conflitos cotidianos e, portanto, a uma otimização do trabalho pedagógico e consequente alcance dos objetivos educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia escolar, atuação preventiva, diversidade.

INTRODUÇÃO

A escola é uma referência de aprendizagem e desenvolvimento para as crianças, muito além de ensinar a ler, escrever e lecionar outros assuntos específicos ela é responsável por transmitir valores, ideologias e crenças. A apropriação das crianças com essas crenças e valores vivenciados no ambiente escolar se dá a partir das interações que esta proporciona. O ambiente da sala de aula é responsável por promover um encontro de diversas culturas,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ideologias, crenças e por isso se constitui um local rico em diversidade.

E essa pluralidade de sujeitos e culturas que a escola oferece nem sempre é bem recebida, ou bem compreendida pela criança. Estas por vezes convivem com discursos negativos que levam a atitudes preconceituosas dentro da sala de aula, para lidar com as diferenças é preciso que as crianças se familiarizem com a pluralidade dos sujeitos, entendendo que “não faz mal ser diferente”.

Objetiva-se então introduzir essa discussão sobre o convívio e o respeito com a diversidade humana de forma lúdica para os alunos do segundo ano do ensino fundamental e proporcionar uma ampliação da visão das crianças quanto à singularidade e à diversidade do ser humano, promovendo uma valorização destas diferenças no contexto escolar.

A PSICOLOGIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

No Brasil, a Psicologia Escolar e Educacional é um importante campo de atuação da Psicologia que, desde a década de 1980 passa por diversas transformações teórico-práticas até alcançar um pensamento mais crítico. Antes disso, as práticas do psicólogo no contexto escolar eram baseadas em um modelo experimental, com o objetivo de adaptar os alunos desajustados, a utilização de testes de inteligência era constante e havia uma culpabilização do aluno e explicações subjetivistas para explicar o fracasso escolar, não levando em consideração os contextos sociais e o contexto educacional nas dificuldades de aprendizagem. O pensamento atual em psicologia educacional/ escolar compreende a educação como prática social, valorizando o trabalho coletivo e a interdisciplinaridade para compreender as questões envolvidas na educação, sem se eximir do compromisso e do papel social da escola (SILVA et. al., 2012), tira o foco do “aluno problema” e contextualiza as demandas produzidas no entorno deste.

O objeto do psicólogo em instituições de ensino se refere ao encontro entre os indivíduos e a educação, cuja finalidade do seu trabalho é contribuir para a construção de um processo educacional que socialize conhecimentos prévios historicamente acumulados e contribua para a formação ética e política dos indivíduos. Dessa forma, o papel do profissional é ajudar a formar cidadãos através de práticas que valorize processos de humanização e o desenvolvimento do pensamento crítico (TANAMACHI; MEIRA, 2003).

Portanto, a atuação do psicólogo na escola evolui de uma atuação clínico-terapêutica e individualizante para uma atuação preventiva e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

institucional que, segundo Marinho-Araújo e Almeida (2010), consiste em uma proposta de intervenção mais relacional, por meio da promoção de reflexão e de ressignificação das práticas cotidianas. Assim, toda atividade executada pelos profissionais deve ser baseada na transformação dos processos educativos e visando mudanças que contribuam com a melhoria da qualidade da educação brasileira, através da sua ação consciente, ativa e com criatividade para potencializar seu trabalho. Tendo em vista esses pressupostos podemos então entender a psicologia escolar como uma área de atuação caracterizada pela utilização da psicologia dentro do âmbito escolar, visando contribuir e aperfeiçoar os processos educativos que ali se fazem presentes e compreende esses processos como uma transmissão cultural e que possibilita o desenvolvimento da subjetividade dos indivíduos (MARTINEZ, 2009).

O papel do psicólogo escolar refere-se ainda ao papel de contribuir para a promoção da aprendizagem com uma visão mais integral do indivíduo, valorizando não só o desenvolvimento cognitivo, mas também o desenvolvimento emocional, social e motor através de intervenções com os alunos, as famílias e a comunidade (GUZZO et. al., 2010).

A escola como campo de atuação deste novo fazer profissional da psicologia também passou por diversas modificações acerca da compreensão do seu papel e da sua relevância, que perpassa o domínio de habilidades cognitivas e se estende a habilidades individuais e sociais. Como aponta Castanho e Scoz (2013) a escola é um espaço que tem uma relação direta com a sociedade como um todo e com as histórias singulares de seus protagonistas, numa sala de aula alunos e professores, por exemplo, alunos e professores, além de compartilharem um espaço físico, compartilham-se como pessoas e se integram enquanto sujeitos produzindo novos sentidos e consequentemente constituindo-se mutuamente em suas subjetividades.

Compreendendo o contexto escolar como sendo esse espaço privilegiado das trocas interacionais entre sujeitos, é de fundamental importância estimular um espaço ativo na discussão e reflexão do homem enquanto ser subjetivo, e consequentemente como plural a partir de sua diversidade. A sala de aula e a escola enquanto espaços participantes que são na construção de identidade dos sujeitos deve ser um lugar que promova o respeito às singularidades, onde cada um tenha o direito de ser único e que não seja desrespeitado por ser diferente.

Dessa forma a ação do psicólogo escolar deve ser voltada para a compreensão e intervenção perante as relações interpessoais que se



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

desenvolvem na escola e que perpassam a construção do conhecimento e o desenvolvimento dos alunos, tendo sempre em vista o contexto histórico-social da escola e das pessoas que ali estão (OLIVEIRA et. al., 2009).

RESSIGNIFICANDO A DIFERENÇA

A experiência aqui relatada constituiu uma atividade desenvolvida no componente curricular de Psicologia e Educação do curso de formação de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, por em uma escola pública da cidade de Campina Grande – PB. O público alvo dessa intervenção foram estudantes do segundo ano da referida escola. Tendo sido realizadas 5 (cinco) intervenções com duração média de uma hora por encontro e participação 20 crianças. Utilizou-se como instrumento de registro o diário de campo, que permite uma descrição e análise mais profunda da experiência. Os registros eram feitos ao final de cada intervenção.

O tema que norteou o primeiro encontro foi “ninguém é igual a ninguém”. Inicialmente foi apresentada a proposta do projeto e a duração deste, em seguida a fim de possibilitar uma apresentação utilizou-se a dinâmica “quem é você?” que consistiu em dividir a turma em duplas, e propor que um pergunte ao outro o que ele gosta de fazer, brincar e etc., e após alguns minutos de conversa cada aluno apresenta seu colega para a turma. Essa dinâmica, além de proporcionar uma apresentação mais descontraída dos alunos, promove uma maior integração do grupo. Neste momento percebeu-se um pouco de dificuldade das crianças em interagir com os colegas e, conseqüentemente, de iniciar a dinâmica proposta, percebendo esta dificuldade foi modificado o método, ao invés deles espontaneamente apresentarem o coleguinha nós perguntamos um a um sobre o colega do lado, seu nome, idade, gostos... Desta forma foi possível fluir o momento destinado a apresentação.

Após a apresentação, procedeu-se com uma conversa sobre como a turma gostaria que fossem os próximos encontros. Esse espaço para sugestões foi aberto em todos os encontros, para que o planejamento estivesse afinado com a demanda e o interesse dos alunos.

Dando continuidade ao primeiro encontro, foi feita a contação da história “Ninguém é igual a ninguém” de forma interativa para manter a atenção, pois percebemos que eles se dispersam com facilidade. A leitura gerou discussão em torno de como as diferenças são legais e importantes para que possamos diferenciar as



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

peessoas. Em seguida, apresentamos a música “Como é bom ser diferente”, ouvimos a música completa e em seguida confeccionamos com as crianças um cartaz referente à letra da canção, ao passo que conversamos e cantamos todos juntos.

O segundo encontro que tinha como tema “como seria o mundo se todos fossem iguais?”. A fim de promover essa reflexão, inicialmente apresentamos uma imagem de pessoas iguais e depois perguntamos o que eles acharam. As crianças ficaram surpresas pelo fato das pessoas das imagens serem todas iguais, e depois levantaram apontamentos como: que seria difícil saber quem era quem, em seguida tentaram achar soluções como chamar o nome e esperar a pessoa responder, ou que pelo menos as roupas fossem diferentes. Após esse momento propomos uma brincadeira para eles verem se conseguiam identificar o coleguinha mesmo sem o ver, só percebendo características como altura, comprimento e característica do cabelo, então explicamos que iríamos escolher um aluno para ser vendado e outro para que este tentasse reconhecer. Foi então prosseguido a dinâmica e esta fluiu bem. Neste momento ressaltamos a importância de ser diferente do outro, pois foram essas diferenças que os permitiram reconhecer um colega mesmo de olhos vendados.

Na sequência realizamos a leitura do texto “O peixinho de chocolate”. Ao final da leitura construímos nosso próprio aquário em cartolina; distribuimos folhas para que eles desenhassem os peixes que completariam o aquário. Neste momento houve muita empolgação, as crianças falaram diversas qualidades de peixe que iriam fazer, e a atividade foi encerrada com a colagem dos peixes no aquário posicionado no quadro. Os alunos se mostraram empolgados ao ver o aquário, e começaram a falar sobre os peixes que já tinham visto em filmes e/ou em casa e comparar com os peixes do aquário. Fizemos questionamentos sobre os peixes que eles fizeram: se eram todos iguais, se tinha problema os peixinhos serem de cor diferente e de tamanhos diferentes. À medida que perguntávamos os alunos traziam respostas, entre elas o trecho da música que levamos no primeiro encontro: “É bom ser diferente, um é alto outro baixo, um gordo outro magro”, falamos então que assim como no aquário que não havia peixes iguais na sala de aula todos os colegas são diferentes.

No terceiro encontro o tema que estimulou as discussões foi introduzido pela leitura da estória “O menino que não queria ser ele mesmo”. Na conversa pós-leitura, as crianças demonstraram compreender que os amigos se afastaram da personagem principal, porque ele estava tentando ser outra pessoa e que os amigos gostavam dele como era. Quando perguntamos então se valia a pena fingir ser quem não era eles disseram que não. Em seguida entregamos dois papéis para os alunos e pedimos para



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que em um desenhassem eles mesmos e no outro desenhassem algo que gostassem de fazer. No final pedimos que apresentassem os desenhos para a turma. Ao final das apresentações perguntamos se alguém tinha repetido alguma brincadeira que o colega gostava, e eles disseram que sim, tentamos mostrar então que apesar de todos serem diferentes ainda temos semelhanças.

O tema norteador do quarto encontro foi “como é bom ser diferente”. Iniciamos com a contação interativa da fábula “O Leão e o rato”: cada aluno recebeu algumas imagens correspondentes à história para que interagissem. Ao final da história fizemos um momento de reflexão. Em seguida, pedimos que eles formassem duplas e explicamos que as figurinhas que entregamos a cada um formava um jogo da memória; demos um tempo pra que eles brincassem um pouco.

Depois de brincarem, entregamos folhas brancas e pedimos que seguisse nossas instruções: então solicitamos que desenhassem olhos, depois um nariz, em seguida uma boca, o contorno do rosto, cabelos. Ao final o desenho formava uma pessoa, então pedimos para que eles nomeassem a personagem que haviam desenhado. Quando os alunos terminaram de fazer os desenhos eles então apresentaram suas criações para a turma. Finalizada as apresentações levantamos algumas perguntas: Teve algum desenho igual? A gente falou a mesma coisa, mas cada desenho foi único, será porque aconteceu isso? Os alunos participaram muito envolvidos com a atividade, demonstraram interesse na apresentação dos colegas e responderam as perguntas que fazemos, os alunos apontaram coisas como: apesar de existirem desenhos parecidos nenhum foi exatamente igual, que os desenhos eram de várias formas.

O quinto e último encontro teve como tema gerador “como viver com as diferenças?”. Iniciamos com a leitura da estória “A zebra preocupada”. Para este momento utilizamos uma estratégia de leitura que consiste em ler uma parte e suprimir outra para que os participantes construam o restante; fizemos a leitura até o meio da estória e estimulamos para que eles construíssem um final. O final sugerido por eles continha aspectos como: amizade entre as personagens, depois elas ficavam felizes e brincavam juntas. Após essa construção deles lemos o final real da história e se aproximava do que eles haviam construído.

Ao final foram entregues folhas e pedimos então que eles desenhassem o que haviam aprendido nos encontros realizados, os conteúdos dos desenhos continham: a letra da música, desenhos sobre o vídeo da música, como também



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

desenhos de peixes diferentes representando o aquário e as discussões que levamos sobre este, desenhos da história “o leão e o rato” também apareceram. Como encerramento, falamos da relação de todos os encontros e o tema central que era o respeito às diferenças, nos despedimos e encerramos o projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A abordagem da diversidade cultural na escola se realiza a partir do encontro de nossos valores simbólicos, sociais, econômicos, culturais e do outro, o diferente, este processo ocorre em todas as fases do desenvolvimento humano como ressalta Silva (2011). O ambiente escolar se constitui, portanto, como um dos contextos mais ricos na promoção de encontro das várias subjetividades e diversidades dos seres, esse encontro perpassa então a formação do eu enquanto sujeito, principalmente quando se trata da educação infantil (por ser esta uma fase de construção desse “eu”). Neste sentido o trabalho desenvolvido com as crianças propiciou um espaço de reflexão e discussão e de construções ativas sobre a diversidade e suas consequências positivas no cotidiano escolar e social; as crianças se colocaram durante todo o processo, a partir de falas e desenhos, demonstrando compreender a importância desta temática.

No decorrer dos encontros os alunos interagiam e demonstravam compreender as temáticas propostas. É possível observar esta compreensão ao longo dos vários encontros através das falas dos alunos; através dos seus relatos, os pontos que mais se destacaram foram: a música, esta possibilitou que os alunos trouxessem várias colocações, remetendo-se a letra da música como respostas e soluções a diversos questionamentos. A música enquanto recurso metodológico mostrou-se eficiente na apreensão do conteúdo pelos alunos.

Outro ponto que provocou grande discussão foi a estória do peixinho de chocolate juntamente com a confecção do aquário, pois os alunos ao desenharem os vários tipos de peixes demonstravam compreender a diversidade, querendo atribuir uma característica diferente a cada peixe desenhado, estas diferenças se apresentavam como positiva nos relatos dos alunos.

Esse movimento de compreensão pode ser ressaltado a partir de um dos métodos utilizados que foi a contação de histórias, como discorre Oliveira et. al. (2015), uma alternativa que pode chamar a atenção do leitor nessa faixa etária em que foi realizada a experiência, através de narrativas, ela faz com que os



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sujeitos participantes se sintam como parte integrante da história. Esse recurso foi utilizado em todos os encontros e seu resultado enquanto método efetivo pode ser percebido tanto nas discussões feitas durante e após o momento de contação como também no momento de avaliação do processo final, realizado na forma de desenhos, a apreensão das mensagens repassadas nas histórias ou até mesmo de seus recursos ilustrativos foi o marco dos desenhos de avaliação que tiveram em sua grande maioria como protagonistas os personagens contados nas histórias ao longo de todo processo.

A leitura oral feita por professor possibilita aos alunos ativarem conhecimentos prévios, estabelecerem relações entre o texto lido e outros textos e a manifestarem suas opiniões, dúvidas e curiosidades. (ALMEIDA, GOMES, MONTEIRO, 2013). A leitura é, portanto, destacada enquanto recurso altamente relevante deste processo por diversas características como: proporcionar diversas formas de reflexão sobre o tema, mesmo que se parta de um tema central que permeie todos os encontros, esse tema pode ser explorado sobre diversas perspectivas, isto foi possível através da diversidade de livros e reflexões que estes proporcionaram. Permite-se, também, a partir deste recurso, estimular a participação interativa das crianças e a construção coletiva de significados sobre o texto lido, como foi o caso mais específico do último encontro em que as próprias crianças construíram um final para história, e dentre outros tantos aspectos proporcionados por este recurso o incentivo ao gosto pela leitura também é ressaltado neste trabalho.

Com a ajuda da leitura de textos pudemos levar para a sala de aula o tema da diversidade, e a reflexão sobre o eu e o outro. Segundo (SILVA e RIBEIRO, 2015) se ampliarmos a nossa visão sobre as diferenças podemos constatar que elas são construídas culturalmente, e por isso, construídas ao longo do tempo e com influências das relações sociais e de poder. Diante disso, a escola deve compreender e trabalhar a diversidade a partir da subjetividade e abrangendo a identidade de cada aluno, ressaltando que para que as crianças aceitem e compreendam o outro com suas diferenças e singularidades. Os profissionais que estão na escola precisam ter atitudes que compactuem com a atitude de aceitação plena do outro.

Ao contar histórias em que se valorizam as diferenças e que demonstram que é possível aceitar o outro com suas singularidades (físicas, gostos, costumes), é possível fazer com que os alunos se percebam como únicos e que reflitam sobre a possibilidade de perceber o outro como sendo também um ser único, merecedor de respeito. É possível problematizar questões, atitudes, significados que podem contribuir



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

para a formação de sujeitos que percebam as diferenças não são segregadoras, que todos são diferentes mas devem ser igualmente respeitados. Durante as dinâmicas e discussões sobre as histórias lidas os alunos se colocavam, e muitas vezes reconheciam aspectos da sua identidade nos personagens da história, dessa forma, os alunos utilizavam esse momento para se expressarem enquanto sujeitos. Quando na história contada havia situações de exclusão devido às diferenças, os alunos demonstraram inquietude, e ao perguntarmos por possíveis soluções eles traziam nos discursos aspectos como: “não tem problema ser diferente, ninguém é igual e podemos brincar todos juntos!”.

O direito à diferença difere do direito à igualdade, haja vista que, a igualdade de direito não é suficiente para um equilíbrio nas relações intersubjetivas, por isso, se torna necessário reconhecer as diferenças, as particularidades, para não se ter uma visão falseada da igualdade. O direito às diferenças, e o reconhecimento das mesmas faz com que se crie a ideia de que é possível sermos iguais na diferença. Ou seja, todos somos diferentes, e isso é o que nos constitui. Dessa forma, não podemos considerar inferior aquilo que é diferente (BITTAR, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que o ambiente escolar é um dos agentes ativos na construção de valores, crenças, e identidade do sujeito a partir do compartilhamento de vivências e das trocas interacionais que esse espaço possibilita. E que a psicologia no ambiente escolar tem o objetivo de contribuir pra a promoção do desenvolvimento e a construção de um ambiente que promova uma interlocução entre todos os sujeitos ali presentes, incluindo os aspectos subjetivos que permeiam as relações (OLIVEIRA et al, 2009).

A experiência relatada foi de grande importância para a formação em Psicologia, pois significou um momento de integração entre a teoria e a prática do psicólogo no contexto escolar. A escola foi ao mesmo tempo um ambiente acolhedor e desafiador. Por vezes foi necessário usar da criatividade para chamar a atenção dos alunos e trabalhar um tema tão importante como a diversidade. Durante a experiência pôde-se aproximar do universo dos alunos e compreender como eles percebiam a pluralidade e a socialização frente às diferenças, e assim, melhor direcionar nosso trabalho.

Dessa forma percebe-se que o papel do psicólogo na instituição escolar é um grande desafio, pois é necessário reconhecer o sujeito e sua



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

subjetividade para promover um ambiente escolar que seja multiplicador do respeito ao outro e do respeito às diferenças. O psicólogo escolar pode ajudar a promover uma reflexão crítica sobre as práticas excludentes dentro da escola e as possíveis soluções e promoções de um ambiente em que haja a compreensão das diferenças, e que essas gerem um ambiente de desenvolvimento saudável, e não que crie barreiras para o desenvolvimento dos alunos. Assim, promovendo uma psicologia comprometida com o desenvolvimento saudável e comprometida socialmente com o respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, T.A; GOMES, M.F.C; MONTEIRO, S.M. **Aprendizagem e Desenvolvimento de Crianças de Seis Anos na Roda de História.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1303-1326, out./dez. 2013.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Reconhecimento e direito à diferença: teoria crítica, diversidade e a cultura dos Direito Humanos.** Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, [S.l.], v. 104, p. 551-565, jan. 2009. ISSN 2318-8235

CASTANHO, M.I.S; SCOZ, B.J.L. **Subjetividade, ensino e aprendizagem: Aproximação histórico-cultural em trabalhos acadêmicos.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 18, n. 3, p. 487-496, jul./set. 2013.

GUZZO, Raquel S. L. et al . **Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação.** Psic.: Teor. e Pesq., Brasília , v. 26, n. spe, p. 131-141, 2010.

MARINHO-ARAÚJO, C. M.; ALMEIDA, Sandra F. C. de. **Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional.** Campinas: Editora Alínea, 2010.

MARTINEZ, Albertina Mitjans. **Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira.** Psicol. Esc. Educ. (Impr.), Campinas, v. 13, n. 1, p. 169-177, Junho 2009.

OLIVEIRA, C. B. E., MARINHO_ARAÚJO, C. M. **Psicologia escolar: cenários atuais.** Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, ano 9, N.3, P.648-663. 2009.

SILVA, L. M. C., RIBEIRO, D. M. **A resignificação de uma pedagogia: construção da identidade da criança negra na educação infantil.** 2015.

SILVA, N.N. **A diversidade cultural como princípio educativo.** Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 8 n. 11 p. 13-29 jul./dez. 2011.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SILVA, Silvia Maria Cintra da et al. **Reflexões sobre a fundamentação teórica de psicólogos nas secretarias de educação de Minas Gerais.** *Psicol. educ.*, São Paulo , n. 35, p. 6-23, dez. 2012.

TANAMACHI, E. de R. & MEIRA, M. E. M. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em Psicologia e Educação. In: MEIRA, Marisa Eugênia Mellilo & ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. (orgs). *Psicologia Escolar: Práticas Críticas.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 11-62.